CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: A VIAGEM PERMANENTE, O CINEMA
INQUIETO DA GEÓRGIA
30 de Outubro de 2020

MEKVLE / 1981

“A Primeira Visita”

um filme de Goderdzi Tchokheli

Realização: Goderdzi Tchokheli / Argumento: Rezo Essadze, Goderdzi Tchokheli /
Fotografia: Demur Danelia / Montagem: Zurab Tchubabria / Som: Vassil Arveladze

Produção: Grigol Tsikhisseli / Kartuli Pilmi (Gruzia Film) / Cópia: em DCP, original
em 35 mm, preto e branco, do Centro Nacional do Cinema Georgiano, legendado em
inglês e electronicamente em português / Duração: 15 minutos.

TCHASSARBENI TSIKHE / 2018

“A Torre”

Um filme de Salome Djachi

Realização, Argumento, Fotografia, Montagem: Salome Djachi / Som: Ana
Davitachvili

Produção: Indigo, Centro de Reabilitação Psico-Social e Médica de Vítimas de Tortura
da Geórgia / Cópia: Digital, cor, legendado em inglês e electronicamente em português
/ Duração: 4 minutos.

ME GADAVTSURE ENGURI / 2016

“Atravessei o Rio Inguri”

um filme de Anuna Bukia

Realização e Argumento: Anuna Bukia / Fotografia: Anuna Bukia, Irakli Metreveli,
Niko Tarielachvili, Tamar Kakubava / Montagem: Niko Tarielachvili / Som: Paata
Godziachvili, Nino Tevdorachvili

Produção: Tinatin Kadjrichvili, Lacha Khalvachi / Artizm, Gemini / Cópia: em DCP,
original em HD, cor, legendado em inglês e electronicamente em português /
Duração: 62 minutos.

Sessão apresentada por Marcelo Felix

A mudança reflectida no território e na paisagem podia ser o tema unificador dos filmes desta sessão. **Mekvle**, que tem uma lindíssima fotografia a preto e branco, contrapõe banda de som e banda de imagem para um filme que é capaz de evocar com bastante força, uma ideia de ausência – é ver aqueles planos finais, do interior das casas de aldeia abandonada e semi-arruinada – que se intensifica justamente por esse jogo entre imagem e som, como um confronto entre um presente e um passado. É a aldeia natal do realizador, são recordações de ritos e hábitos comunitários, e são, finalmente, memórias petrificadas de um tempo em que aldeia vibrava com o seu ritmo quotidiano antes de se

tornar apenas uma espécie de “memorial” perdido na paisagem a sinalizar que ali, em tempos, houve gente e houve vida. Independentemente disto, Goderdzi Tchokheli mostra um invulgar talento fotográfico: as imagens de **Mekvle**, mesmo quando a câmara “inventa” (os rodopios), são, repetimos, muitíssimo bonitas.

Em “**A Torre**”, filme curtíssimo que explora certamente uma única ideia, estamos perante uma expressão das tristes ironias da História. A torre de uma aldeia georgiana, que servia de miradouro e local de confraternização, e que desde a guerra russo-georgiana de 2008 se tornou o ponto a partir do qual os antigos habitantes podem admirar a aldeia – que depois dessa guerra ficou em território anexado ou ocupado pela Rússia. Filmando umas quantas pessoas que sobem à torre para verem a paisagem e a aldeia, registando as conversas e os diálogos, evocativos mas nunca “temáticos”, o filme de Salome Djachi é como um pequeno “gag”, impassivelmente melancólico.

Territórios perdidos pelas muitas guerras regionais do Cáucaso e especialmente da Geórgia são também o assunto de “**Atravessei o Rio Inguri**”. O rio Inguri é uma fronteira natural entre a Geórgia e a sua antiga região, desde a guerra civil dos anos 1990 auto-proclamadamente independente, da Abecásia. A realizadora Anuna Bukia, originária de Sukhumi, “capital” da Abecásia, faz uma viagem clandestina através da fronteira para voltar a ver, muitos anos depois, a cidade e a casa onde nasceu. O interesse do filme de Anuna Bukia, para lá de questões históricas e políticas, está na adopção de um registo quase diarístico, ou pelo menos assumidamente na primeira pessoa – é a sua aventura, mais ou menos encenada, ou dada em segmentos mais ou menos preparados conforme as circunstâncias, que o filme conta, e esse ponto de vista é essencial na definição da sua estrutura. Que adopta diversos “géneros” do próprio cinema documental, incluindo a “entrevista” e o monólogo, numa malha estilística e formal empregue com um relativo vigor, como se sabedora de que o uso dessas convenções é um modo de ir “travando” o filme, criar-lhe um recuo, não o deixar cair no imediatismo da “urgência” nem no auto-centramento da experiência individual.

Luís Miguel Oliveira